

Construir o Hoje - Sonhar o Amanhã *Build Today - Dreaming Tomorrow*

Amadeu Prado de Lacerda

Falar do Serviço que dirigimos é um pouco falarmos de nós próprios, com reflexo para terceiros. Ou nos deixamos possuir por um ego de exaltação petulante e possidónia, ou nos tornamos prisioneiros de um pudor escrupuloso e corremos o risco de ficar aquém do que é a sua atividade e vivência, com evidente injustiça para quantos nele laboram empenhada e abnegadamente.

Seja como for não posso ficar indiferente ao convite formulado por esse querido colega e príncipe da Medicina que é o João Sá. Com este escrito desprezioso, respondo-lhe com toda a amizade, presente!

Se a tanto me ajudar o engenho e a arte procurarei fugir à descrição nominativa e monocórdica, que se resume a uma redação, - tipo trabalho de casa -, limitando-se a descrever a estrutura física e a atividade do serviço, em regra comum à grande maioria, mas tentarei preenchê-la com a palpação da vida que o habita.

Antes de mergulharmos na realidade presente, façamos uma pequena incursão no tempo, que nos leva aos primórdios do hospital de hoje.

Porquê e para quê perder tempo com o passado?

Simplesmente porque cingirmo-nos exclusivamente a um presente ausente da sua memória é viver um tempo sem identidade.

Os hospitais dos tempos primeiros da nacionalidade foram fundados por ordens religiosas e militares, caso das Ordens dos Templários, de Malta e dos Hospitalários que constituíram não só um esteio de fundamental importância militar na conquista ou reconquista, como um precioso auxílio na assistência médica e de acolhimento, nomeadamente aos feridos de guerra.

Iniciativas singulares, salpicaram aqui e ali a fundação de unidades de prestação de relevantes cuidados de saúde, de que se destaca, pelo seu vulto o Hospital Termal das Caldas da Rainha, que se deve à Rainha D. Leonor, e que foi o primeiro do mundo com essas características.

Setúbal como porto de mar revestia-se de especial importância na contenção de epidemias, trazidas do Norte de África, pelos marinheiros, e que constituíam um verdadeiro flagelo da época.

É historicamente escassa e pouco precisa, mercê de acidentes naturais, a informação sobre a génese e evolução das instituições prestadoras de cuidados de saúde e acolhimento na região.

Tal não impediu que chegasse aos nossos dias um precioso testemunho histórico, a *Pharmacopea Tubalense Chimio-Galénica* publicada em Coimbra em 1735, da autoria do boticário da Corte Manoel Rodrigues Coelho, filho ilustre de Setúbal.

Foi à época uma referência em Portugal e na Europa cientificamente culta, juntamente com a *Pharmacopea Ulyssiponense Galénica e Chimica*, publicada em 1716 pelo droguista francês radicado em Lisboa, João Vigier, físico-mor de D. João V.

Em vão tentámos suscitar os apoios financeiros que permitissem arrancar a *Pharmacopea Tubalense Chimio-Galénica* à poeira do seu passado no remanso dessa outra jóia que é a biblioteca de Mafra, e trazê-la à luz do presente.

Seguramente sabemos que em 1372, à sombra da Irmandade da Anunciada, à qual pertenceram vários reis de Portugal de D. Afonso III a D. Sebastião, edificou-se o que se pode classificar como o primeiro Hospital de Setúbal. As suas receitas provinham, para além da generosidade de benfeitores, fundamentalmente dos rendimentos das marinhas de sal.

Ontem como hoje os problemas financeiros eram um quebra-cabeças, que afetou outros congéneres como o hospital do Corpo Santo, fundado por édito de D. João I em 1415, com Ceuta no horizonte, e que mal grado todas as mercês reais não teve melhor destino.

De um passado longo ressuma como memória entroncada no Hospital de São Bernardo, o antigo Hospital da Misericórdia.

O Hospital Ortopédico Sant'Iago do Outão, histórica fortaleza, foi primitivamente residência real de veraneio do rei D. Carlos e da rainha D. Amélia, que o transformaria em unidade de saúde, dedicada à patologia óssea, nomeadamente a tuberculose óssea, que grassava na época.

Constitui presentemente, com o Hospital de São Bernardo, o Centro Hospitalar de Setúbal.

Em 1860 a Vila de Setúbal é elevada à categoria de cidade, o que exponencia o seu desenvolvimento com toda a problemática do crescimento populacional e as consequências que daí advêm. O velho hospital da Misericórdia revela-se não só insuficiente para responder às necessidades populacionais, como desajustado para a grande variedade da demanda de cuidados.

O anseio de um novo hospital é um sentimento genericamente comungado por toda a população, satisfeito a 9 de Maio de 1959 com a inauguração do Hospital de São Bernardo, que seria o primeiro hospital regional português.

Célere como o tempo, a breve trecho também o Hospital de São Bernardo se revelaria insuficiente e tecnologicamente desajustado das exigências de uma medicina em ciclópica evolução, pelo que na década de 90 do século passado edificou-se um bloco similar ao original construído em paralelo com ele. Este aumento de capacidade viria dar um novo sopro de vida ao que é hoje o Centro Hospitalar, possibilitando a emergência de uma série de especialidades que constituíram uma mais valia para a população, configurando também um desafio que permitiria uma significativa diferenciação do hospital.

É na chamada "ala velha", ocupando dois pisos totalmente remodelados e possuindo as adequadas condições para uma con-

digna habitabilidade e o exercício de uma medicina de qualidade, que se encontra alojado o Serviço de Medicina com a lotação de 46 camas de enfermaria e 7 camas de Unidade de Cuidados Intermédios.

Sem falsas modéstias podemos afirmar que as condições de internamento com quartos de 3 camas dotados de instalações sanitárias próprias, de oxigénio, vácuo, de ar respirável e monitores portáteis e 4 quartos individuais com os mesmos requisitos técnicos para as situações clínicas que obriguem a isolamento, ou humanas que o justifiquem, constituem sob o aspeto assistencial um parâmetro de qualidade. O excelente Hospital de Dia apoiado em 2 gabinetes médicos enquadra-se num conceito dinâmico da Medicina Interna permitindo encurtar a demora média de internamento, manter uma medicina de proximidade e segurança, efetuar tratamentos e vigilância que evitam internamentos desnecessários e obviar às limitações impostas pela consulta externa. As áreas próprias para o trabalho dos diversos grupos profissionais, devidamente equipadas sob o ponto de vista informático, a sala de reuniões, espaço privilegiado da formação, integram um conjunto logístico que responde às necessidades dos doentes e ao exercício gratificante da Medicina.

O crescimento populacional, o seu envelhecimento e o alargamento da área de atração do hospital fizeram com que a lotação do serviço em curto espaço de tempo se revelasse desajustada face às necessidades.

Para contornar a limitação de espaço a medicina teve que estender-se para além do seu torrão natal, tornando-se “no povo da diáspora” ao estabelecer “colónias” nos serviços de Gastrenterologia, Cirurgia Geral e Infeciologia, o que permitiu aumentar a sua capacidade para 55 camas, continuamente insuficiente para responder à premência do internamento.

Nem sempre compreendida, esta forçada emigração, sem qualquer intuito “imperialista”, resulta não só das circunstâncias anteriormente referidas mas também do conceito que se foi instalando nas diversas especialidades.

Do tronco comum enraizado no húmus da vida, que era verdadeiramente a medicina, sem outros qualitativos, emergiram sucessivamente numerosos ramos – as especialidades – que mercê do aprofundamento exponencial do conhecimento perderam a visão panorâmica e integradora da Medicina Interna, focando-se em segmentos limitados de patologias.

Com o decorrer do tempo esta filosofia foi-se afunilando e o que era um conceito e perspetiva ampla sobre a matéria de cada uma das grandes áreas da medicina, foi-se circunscrevendo de forma redutora às etapas evolutivas das entidades clínicas em questão e aos grupos etários por elas afetos.

As especialidades tornaram-se no grupo de elite da medicina, alojadas nos seus confortáveis gabinetes de trabalho ou nas salas de exame, manejando naves exploradoras, cuja importância não se discute, que devassam os subterrâneos orgânicos em busca de pólipos, - quais guerrilheiros emboscados, sempre prontos a ceifar vidas desprevenidas- , de ulcerações pantanosas onde a frágil existência se atola, sem derivas de futuro ou a assaltar a última fortaleza resistente – o cérebro -, detetando inundações, oclusões ou montanhas celulares que crescem à revelia da ordem natural sempre prontas a avalanches que soterram a vida.

Como sonares em busca dos segredos das profundezas marinhas, a ressonância magnética nuclear invade a intimidade do sistema nervoso central, nomeadamente o cérebro, em busca

dos mecanismos mais nobres e íntimos do pensamento e do entendimento último do homem.

Toda esta panóplia tecnológica, mundo fascinante que abre horizontes não sonhados há escassos anos, faz antever o futuro imaginário de um homem novo, que ultrapassa as barreiras da capacidade de sonhar.

Será mesmo assim?

Talvez!

Deixemos por momentos o sonambulismo do sonho e regressemos ao tempo concreto que vivemos.

Mal grado todos os avanços científicos e o tempo novo que se anuncia, a Medicina Interna mantém-se fiel ao doente e à sua patologia encarada na totalidade de ambos, e é hoje verdadeiramente a “infantaria” da ciência médica, e o internista o Provedor do doente.

Mergulhamos as mãos nos humores da vida, partilhamos os odores, comungamos os sabores.

Estamos na urgência interna e externa onde a medicina é o pilar central da assistência médica e, no caso vertente do nosso serviço, respondemos a toda a assistência do foro da medicina no Hospital Ortopédico do Outão, a viver uma fase de revitalização, e onde temos a cargo os doentes da enfermaria, os pré-operatórios, os pós-operatórios, os doentes da Unidade de Cuidados Intermédios do Hospital do Outão. Em suma respondemos pela assistência e segurança médica do doente ortopédico.

Assumimos o internamento de Medicina na enfermaria e nas unidades de cuidados intermédios, realizamos a consulta do dia no Hospital de Dia, a consulta externa não só da especialidade como outras de natureza mais restrita, como a das doenças ósseo metabólicas, a da osteoporose, a da hipertensão arterial, a da hemostase e trombofilia, a da diabetes em articulação com o Serviço de Endocrinologia, a da hematologia que esteve temporariamente suspensa e, por fim a consulta de doenças auto-imunes. Esta conta com o apoio de consultadoria da Prof.^ª Maria José Santos, reumatologista do Hospital Garcia de Orta, que, com a sua inegável qualidade científica e afabilidade, constitui um exemplo pioneiro de colaboração entre diferentes especialidades e Hospitais, fruto da largueza de espírito do Dr. Canas da Silva, e que permitiu colmatar uma carência evidente na região de Setúbal.

Damos apoio de consultadoria com escala própria rotativa a todos os serviços do hospital.

Integramos com recursos médicos e de enfermagem praticamente todas as Comissões existentes no hospital, assim como a Direção Clínica e o Internato Médico, o que consome uma parte significativa do horário dos profissionais.

Dedicamos particular interesse e cuidado à formação dos internos da especialidade específica de Medicina Interna e de outras especialidades que fazem o seu tempo de Medicina no serviço, aos internos do ano comum, aos alunos do 3º e 6º ano, aos jovens estudantes de Medicina que foram buscar saber médico além fronteiras e que solicitam estágio pelo interesse, dedicação e oportunidades formativas que a todos se oferece. Somos, embora não titulado, um verdadeiro serviço universitário.

Assumamos sem reboço o que de positivo e negativo possuímos e fazemos.

Apesar das múltiplas apresentações e comunicações internas e externas em Jornadas e Congressos, falta-nos contudo uma verdadeira cultura de investigação clínica e de publicação.

A pressão da atividade assistencial, verdadeiramente esgotante

para atender a tantas frentes, para solucionar o insolúvel problema das vagas de internamento, para manter em parâmetros de elevada qualidade a formação médica, têm sem dúvida a sua quota parte de responsabilidade, mas urge contudo dinamizar uma nova postura, que, enraizada como cultura, será uma aposta de futuro. Todo este ingente trabalho só é possível pela conjugação dos esforços nunca regateados de todos os grupos profissionais: médicos, enfermeiros, assistentes técnicas e assistentes operacionais. A atividade do serviço não se limita ao desempenho de funções médicas.

Os enfermeiros compartilham do mesmo interesse e dinamismo, desenvolvendo no dia-a-dia apostas que enriquecem o serviço de medicina, tornam gratificante o desempenho das suas funções e refletem-se num evidente benefício para a segurança e bem-estar dos doentes. Assinalem-se entre outros os projetos de prevenção de quedas no doente acamado utilizando uma sinalética de diferentes cores consoante o grau de perigosidade; o de prevenção de úlceras de pressão e o de reabilitação.

É ver durante as manhãs nos corredores do serviço e na escadaria de acesso as mãos subtis mas firmes dos enfermeiros especialistas em reabilitação segurando os doentes, uns de rosto vazio de vida, outros de expressão viva e decidida dando de novo os primeiros passos titubeantes, oscilantes e indecisos num exercício renovado de aprendizagem da marcha, calcorreando um caminho de dor e sofrimento físico e psicológico que o tempo e a persistência transformam em autonomia crescente a caminho da liberdade.

Todo este trabalho e esforço constituem uma riqueza ímpar a desenvolver e a aprofundar.

Num tempo em que o desânimo e a descrença campeiam e assentam arraias recusamos cruzar os braços e continuamos a lutar para ser progenitores de um futuro melhor.

É este o desafio que tenho vivido, neste entardecer outonal da vida. Com os nomes, que são os rostos, todos diferentes no ser e no saber, mas todos iguais no empenho, dedicação e colaboração. ■

EQUIPA MÉDICA

Nomes	
Amadeu Prado Lacerda	Filomena Mesquita
Mário Alcatrão	Bárbara Lobão
Carlos Miranda	Pedro Carreira
Vitor Augusto	Vanessa Figueiredo
José Villa Brito	Jorge Lopes
Carlos Carvalho	Hugo Casimiro
Mário Parreira	Pedro Freitas
Clara Rosa	João Carvalho
Manuela Fera	Diana Pedreira
Eugénio Dias	Joana Carreira
Francisco Torres	Hugo Viegas
Paula Lopes	Ana Catarina Emídio
Susana Marques	Ana Rita Silvério
Beatriz Navarro	Gonçalo Mendes
Isabel Bragança	

EQUIPA DE ENFERMAGEM

Nomes		
Violante Nunes	Pedro Domingos	Júlio Belo
Filomena Martins	Tânia Dias	Susana Miranda

Susana Ribeiro	Sara Almeida	Ana Mirante
Isabel Ferreira	Patrícia Fernandes	Diana Vareta
Ana Rita Oliveira	Sara Silva	Milene Rosa
Ana Chalaça	Catarina Ferreira	Sofia Rebelo
Ana Sofia Romão	Liliana Roldão	Susana Vitorino
Sónia Catarino	Jorge Casinha	Inês Henriques
Ana Carina Neves	Rute Bilro	Sónia Dias
Márcia Silva	Carla Café	Sónia David
Eunice Brites	Fernando Flamino	Maria Carmo Aleixo
Ana Rita Sousa	Ana Lúcia Prates	Verónica Silva
Morgana Mendes	Sofia Senhorinho	Valentina Sterghite
Diana Santos	Nicole Silva	Luís Parente Ribeiro
Daniela Ribeiro	Isabel Cordeiro	Pedro Baião
Clara Gaspar	Josefa Alfonso	João Lopes
Sandra Alves	Cátia Marques	Joana Espadinha
Cristina Duarte	Ana Rita Cachão	Dina Abreu
Rui Chapeiro	Ana Raquel Freire	Ana Filipa Dias
Pedro Santos	Crisálida Ferreira	
Nelma Pereira	Andreia Santos	

ASSISTENTES TÉCNICAS

Nomes
Isabel Pinguinha
Rita Calado
Liliana Revez
Ana Bueno

ASSISTENTES OPERACIONAIS

Nomes		
Manuela Varela	Fátima Ratinho	Tânia Gouveia
Ludmilla Pavlicenco	Luísa Reis	Márcia Cabica
M. ^a Filomena Pereira	Fernanda Godinho	Joaquina Azenha
Carla Ratinho	Rui Santos	Ercília Sebastião
Cláudia Oliveira	Carla Batista	Andreia Paulino
Vanda Crespo	Débora Souza	Ricardo Quita
M. ^a Manuela Monteiro	Andreia Azenha	Ana Flausino
Luísa Silva	Elisabete Santana	Marizete Gama
Carla Raposo	Celina Júlio	Mário Patermeu
M. ^a Rosa Freitas	Marília Silva	Nuno Moreira
Bruno Silva	Anabela Parreira	Miguel Fernandes
Teresa Pinheiro	Paula Lourenço	Renato Venâncio
Tânia Letras	Yana Popovych	Laila Dias

Conflitos de Interesse: Os autores declaram a inexistência de conflitos de interesse na realização do presente trabalho

Fontes de Financiamento: Não existiram fontes externas de financiamento para a realização deste artigo

Correspondência: amadeu.lacerda@chlo.min-saude.pt

Recebido: 15.12.2015

Aceite: 18.12.2015

Bibliografia

1. Subsídio para a história dos Hospitais de Setúbal 1984
2. Rodrigues Marques – Administrador Hospitalar
3. Manuel Marques – Capelão do Hospital de São Bernardo